

BERNARDO SOARES, LIVRO DO DESASSOSSEGO

PROGRAMA

Bernardo Soares,
Livro do Desassossego

[selecionar 3 dos
fragmentos indicados]

- O imaginário urbano.
- O quotidiano.
- Deambulação e sonho: o observador acidental.
- Percepção e transfiguração poética do real.
- Linguagem, estilo e estrutura:
 - a natureza fragmentária da obra.

LIVRO DO DESASSOSSEGO

Pessoa considerou Bernardo Soares um **semi-heterónimo**.

Ajudante de guarda-livros num escritório da Rua dos Douradores, na Baixa de Lisboa, vive num quarto alugado na mesma rua e a Baixa é o seu território de deambulação.

Escreve, nas horas vagas, uma prosa diarística. Pelo *Livro do Desassossego*, sabemos que nasceu na província, perdeu a mãe e depois o pai nos três primeiros anos de vida, passando a viver com familiares. Vem para Lisboa, ainda jovem.

Apesar de ter trabalhado no *Livro do Desassossego* ao longo de toda a sua vida, Pessoa apenas publicou uma dúzia de textos do *Livro*. As outras centenas ficaram guardadas num pacote. A sua edição tem levantado muitos problemas, devido ao inacabamento e às escassas indicações de organização. Das edições destacamos:

- ◆ **1982**, 1.ª edição, organizada por Jacinto do Prado Coelho, recolha e transcrição de Maria Aliete Galhoz e Teresa Sobral Cunha.
- ◆ **1991**, edição de Teresa Sobral Cunha, com mais textos e autoria de Bernardo Soares e Vicente Guedes.
- ◆ **1998**, edição de Richard Zenith, autoria de Bernardo Soares.
- ◆ **2013**, edição de Jerónimo Pizarro, com autoria de Pessoa, com um «autor interno» desdobrado em três.
- ◆ **2015**, edição de Teresa Rita Lopes de *Livro(s) do Desassossego*, composto por três Livros, de três autores: Vicente Guedes, Barão de Teive e Bernardo Soares.

A NATUREZA FRAGMENTÁRIA DA OBRA

«O meu estado de espírito obriga-me agora a trabalhar bastante, sem querer, no *Livro do Desassossego*. Mas tudo fragmentos, fragmentos, fragmentos.»

Como se lê, é o próprio Fernando Pessoa que se refere ao livro que tem em mãos como um conjunto de fragmentos.

A **natureza fragmentária** do *Livro do Desassossego* é uma das suas marcas de modernidade e advém da intencional descontinuidade dos textos que o integram, independentemente da ordenação que as diferentes edições lhe conferiram.

Escreve Richard Zenith, no Prefácio:

«Mas é aí, na sua desarrumação, que se manifesta a grandeza do *Livro*. Foi um depósito, sim, mas um depósito para joias, ora polidas ora em bruto, adaptáveis a uma infinidade de jogos, graças à falta de uma ordem preestabelecida. A sua incapacidade de constituir-se num *Livro* uno e coerente conferiu-lhe a possibilidade de ser muitos.»

O IMAGINÁRIO URBANO O QUOTIDIANO

Os fragmentos, maioritariamente configurados como prosa diarística, prosa poética e narrativa, revelam o sujeito no seu banal **quotidiano** de ajudante de guarda-livros.

Do espaço em que se movimenta ele transmite a descrição do quotidiano das ruas de Lisboa, constituindo um **imaginário urbano** confinado às ruas da Baixa, num perímetro de extensão exíguo, em torno da Rua dos Douradores, rotineiramente frequentada.

DEAMBULAÇÃO E SONHO: O OBSERVADOR ACIDENTAL

Em permanente deambulação, o sujeito é o **observador acidental** da realidade. Ele observa as pequenas movimentações e gestos quotidianos, sem relevância aparente e, permanecendo à margem daquilo que observa, parte mentalmente para digressões sobre o mundo real.

Dessas digressões para o sonho é um pequeno passo, e ele mesmo escreve:

«Tenho uma espécie de dever de sonhar sempre, pois, não sendo mais, nem querendo ser mais que um espectador de mim mesmo, tenho que ter o melhor espetáculo que posso.»

Assim, a deambulação pelas ruas da Baixa percorridas pelo sujeito é, simultaneamente, um mergulho dos sentidos, sobretudo da visão e da audição, e um ponto de fuga para a imaginação e o sonho.

PERCEÇÃO E TRANSFIGURAÇÃO POÉTICA DO REAL

As ruas da cidade e os seus transeuntes, o escritório, o quarto alugado, ou qualquer outro lugar que lhe proporcione imagens do real, captam a atenção do sujeito e, frequentemente, o seu olhar, semelhante a uma objetiva em **zoom**, vai-se aproximando, fixando-se num pormenor.

Contudo, o pormenor fixado provoca no sujeito uma associação, uma lembrança que o transporta para um pensamento do que não está ali.

Mais do que a **percepção** realista da cidade, o que os textos transmitem é a **transfiguração poética do real**.